

# Previsões para 97 indicam 'avanços modestos'

Economia - Brasil

Consultorias esperam inflação na faixa dos 7% e crescimento de 4%, se reeleição for aprovada

DENISE NEUMANN

A aprovação da emenda que permite a reeleição do presidente Fernando Henrique Cardoso é um pressuposto dos cenários macroeconômicos do próximo ano. Se a emenda for rejeitada, todas as previsões serão revistas. Para os consultores, 1997 será um ano de avanços modestos.

A economia ainda cresce em um ritmo moderado e insuficiente para criar mais empregos. A tendência é de pequeno crescimento da taxa de desemprego. As principais preocupações continuam a ser o déficit das contas externas e a capacidade do governo ajustar suas contas.

Com a inflação de 1996 ficando

## DÉFICIT COMERCIAL SERÁ AINDA MAIOR

muito próxima a 10%, as previsões para 1997 se tornaram ainda mais positivas. Há quem aponte a possibilidade da alta do custo de vida ficar em 5%. Ausência de reajustes de tarifas públicas, estabilidade de preços, custo de serviços ajustados e ausência de pressão em alimentos são as razões das boas expectativas com o ano.

Para Carlos Guzzo, superintendente da Assessoria Econômica do Banco Pontual, se a "reeleição não for aprovada, o cenário apontado muda de ponta cabeça". Com ree-

leição, o cenário é de crescimento de 4%, inflação próxima a 7%, déficit comercial alto, mas financiado com boa entrada de recursos externos diretos e para a privatização. Sem reeleição, o fluxo de recursos fi-

ca incerto, na avaliação de Guzzo: pode não ser suficiente para dar tranquilidade ao financiamento do déficit externo.

Entre as incógnitas, está a adoção ou não de medidas restritivas após a apreciação da emenda da reeleição. Até outubro, esta era uma certeza dos analistas econô-

## OITO VISÕES DO ANO DE 1997

Cenários macronômicos para 1997/ por consultoria

INDICADORES	LLOYDS BANK	MCM Consultores	MA Consultores Econômicos	BANCO PONTUAL	CITIBANK	JP MORGAN	CORECON	LCA Consultores
Inflação (em %)	7,5/8,5	7,0*	5,0/6,0**	7,5*	7,0*	7,6**	7,0***	6,2*
PIB (em %)	3,5/4,5	4,2	5,0	3,7	4,0	3,8	4,0	3,9
Investimento (em % do PIB)	19,0/20,0	17,3	19,1	18,0	-	-	17,0	17,5
Taxa de juros (real sobre inflação)	10,6/11,6*	13,55*	13,2**	12,1*	11,7	-	-	13,0
Taxa de câmbio (R\$ x US\$)	1,10/1,11	1,09	6,0 (%)-	5,7 (%)	1,049	1,12	1,09	1,095
Saldo da balança comercial (em US\$ bilhões)	-6,0/-4,0	-6,2	-5,1	-5,9	-6,8	-8,4	-7,0	-6,4
Exportações (em US\$ bilhões)	-	50,0	53,7	52,30	50,7	51,4	52,0	50,6
Importações (em US\$ bilhões)	-	56,2	58,8	58,20	57,5	59,8	59,0	57,0
Balança em conta corrente (em % do PIB)	3,0/3,5	-3,4	-2,9	-3%	-2,86	-3,3	-	-3,3
Reservas internacionais (em US\$ bilhões)	57,0/58,0	-	65,3	60,0	55,8	54,7	-	63,0
Déficit Público (em % do PIB)	-2,5/-3,0	-3,2/3,5	-1,9	-3,7	-3,0	-3,9	-3,5	-2,9
Taxa de desemprego	6,0/6,5	5,5	6,0	5,6	-	-	-	-

\* IPC/Fipe \*\* INPC \*\*\* IGPM/FGV

lembra que é preciso cautela pois a reforma administrativa e o ajuste nos Estados não tem impacto no ano, pois representam desembolso imediato de recursos por parte do governo. Para Kawall, "se continuar a trajetória de queda de juros, dá para ter em 97 o que se esperava para 96". Isto representa déficit de 3,0% do PIB.

**Atividade** — "O governo não deve permitir taxa de crescimento maior que 4,0% para evitar problemas com as contas externas", diz o chefe do Departamento Econômico do Banco JP Morgan, Marcelo Carvalho. "Se necessário, ele vai conter a demanda doméstica por meio de restrições ao crédito", afirma.

Essa necessidade, contudo, ainda não está clara, depende das vendas do final do ano e do movimento de reposição de estoques no início de 1997.

Um crescimento de 4% no Produto Interno Bruto (PIB) é o número mágico projetado pelos analistas para 1997. Nolasco, da MA, discorda e acredita em uma taxa superior, mas próxima de 5%, mas que ainda assim será insuficiente para criar empregos.

Para Dany Rappaport, da MCM Consultores, o PIB aumenta 4,2%, com a indústria crescendo 3,6%. Para ele, continua a maior demanda por bens de consumo duráveis, especialmente mais sofisticados, como microondas e televisores de tela grande. O setor de serviços cresce 4,2% e o setor primário chega a 6,5%, puxado pela boa safra agrícola. Em serviços, o destaque é telecomunicações e transportes.

**Mais informações na pág. 3**

micos. Com os sinais de menor fôlego no consumo, essa previsão foi revista. O governo vai esperar as vendas de final de ano e o movimento de reposição de estoques para avaliar se as medidas serão ou não necessárias para evitar crescimento superior a 4% ou 5%.

**Déficit público** — Flávio Nolasco, sócio da MA Consultores Econômicos, vai na contramão dos que vislumbram um ano apenas médio para as contas do governo. "O maior ganho da economia em 1997 é fiscal, existe uma série de fatores que colocam o ano em uma situação mais favorável", diz Nolasco. Ele não prevê superávit, mas estima que o déficit vai ficar em 1,9%

do PIB, menos da metade dos 4% previstos para encerrar o ano de 1996. As outras consultorias trabalham com números bem maiores, na média superiores a 3%, que era o resultado inicialmente projetado para este ano. O Lloyds Bank admite a possibilidade do déficit ficar entre 2,5% e 3,0% do PIB e a LCA projeta 2,9%.

Entre os fatores que permitirão uma melhora fiscal, Nolasco lembra da maior arrecadação prevista e do programa de desestatização. "Vai ser um ano forte em privatizações", observa. O departamento econômico do Citibank tem avaliação parecida, mas também destaca pontos que vão agir contra a melhoria das contas públicas.

"Ocorrerão alguns ganhos importantes na área fiscal", avalia Carlos Kawall Leal Ferreira, economista-chefe do Citibank. Mas ele